

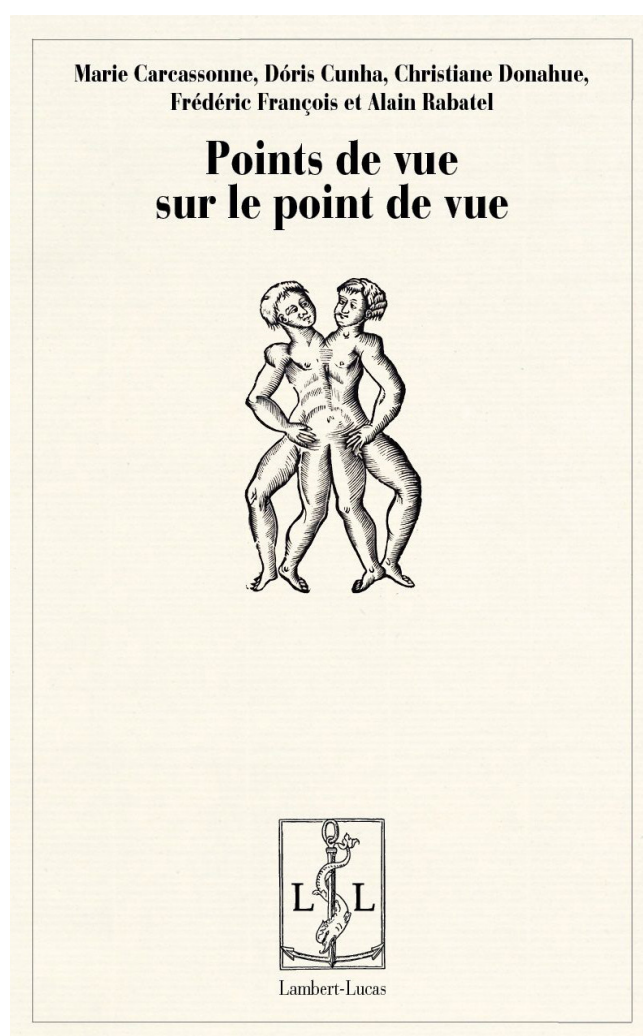
Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 243-248, jun. 2016

RESENHA*

CARCASSONNE, Marie; CUNHA, Dóris; DONAHUE, Christiane; FRANÇOIS, Frédéric; RABATEL, Alain. *Points de vue sur le point de vue* [Ponto de vista sobre ponto de vista], Limoges, Lambert-Lucas, 2015.

*Mireille Froment***

Université Paris Descartes, Paris, França



* Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha, professora doutora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Recife, PE, Brasil, e pesquisadora do CNPq; dorisarrudacunha@gmail.com

** Maître de Conférence na Université Paris Descartes; mireille.froment@club-internet.fr

O livro dedicado ao ponto de vista é uma obra coletiva, cuja introdução de Frédéric François ressalta a independência assim como o que os une, concedendo-lhe um “ar de família”. A ausência de categorias de análise comuns, a partir da qual cada um faria sua leitura e seus comentários, bem como de definição prévia de ponto de vista, não impede de relacionar os modos de leitura dos receptores a um conjunto de noções evocadas e comentadas amplamente em vários artigos. “Noção”, e não conceito, para enfatizar a dependência em relação ao locutor, ao destinatário, à situação de interlocução, à natureza do objeto. *Ponto de vista* é considerado em sua dimensão existencial: se compartilhamos uma realidade comum e se de fato a percepção que temos dela é parcialmente comum, devemos igualmente considerar como cada um sente essa percepção, como cada um a interpreta, essa mistura de afeto, de cognitivo e de desconhecido que nos diferencia dos outros.

Logo de início, *ponto de vista* é associado à contingência (ele não escapa de seu tempo, dos aspectos singulares do receptor), ao seu caráter parcial (não pode haver “superponto de vista” totalizante, acima de todos os pontos de vista) e inacabado (as leituras comentadas¹ de textos nunca estão concluídas de uma vez por todas, e o modo de esclarecer os pontos de vista de um texto se modifica com a circulação).

Cabe a cada contribuição especificar como se constrói o ponto de vista (ou os pontos de vista) do receptor. Os autores concedem atenção privilegiada aos gêneros textuais e aos movimentos discursivos, isto é, à maneira como o sentido se movimenta no desenrolar do texto, em síntese, às significações “desenhadas”, que, mesmo sendo baseadas em elementos presentes no texto, estão ligadas às acentuações e aproximações próprias de cada receptor. É nessa perspectiva que a diversidade dos textos que são objeto de leitura comentada é um dado incontornável nessa obra: embora algumas opções teóricas sejam compartilhadas por diferentes autores, o modo de perceber os textos (o gênero de recepção) não pode ser previamente determinado, e, mais uma vez, a percepção dos movimentos do texto é parcialmente ligada à idiosincrasia do leitor.

O artigo de Marie Carcassonne abre a parte de “leitura comentário” dos textos. Ela se dedica inicialmente a precisar o pano de fundo² nocional que serve

¹ N. da T. Mireille Froment usa “lectures commentaires”, “lecture commentaire”, “lecture interprétation”, “réactions commentaires”. Podemos associar essas noções à de compreensão responsiva ativa, utilizada por Bakhtin e Volochinov: a compreensão é reposta por meio do discurso interior e/ou expressa imediatamente, sendo inerente à leitura e à reação, tal como utilizadas na resenha. Por isso, mantivemos a escolha da autora na tradução para o português.

² N. da T.: Em francês, a noção usada por Frédéric François e retomada por Mireille Froment é *arrière-fond*, que ele usa para se referir a background, conjunto de competências e experiências.

de base para as análises. A linguista lembra as ligações entre a abordagem proposta e a perspectiva dialógica, a abordagem enunciativa e a linguística interacional, conjunto no qual ela discute detalhadamente seus engajamentos. Sua apresentação teórica é por um lado “geral”, e, por outro, em conexão com o corpus objeto de sua leitura interpretação: entrevistas coletadas por estudantes em formação com especialistas em ciências contábeis, sobre os percursos e a atividade profissional de cada um deles. Essa escolha orienta não só a leitura, mas também o pano de fundo teórico que Marie Carcassonne evoca.

Ela enfatiza a ligação entre movimentos discursivos e semânticos³ ao longo do texto, apontando a atividade do receptor e o que ele pode ter de singular (não na própria atividade que cada um realiza, mas em relação aos objetos nos quais ela se efetua): as aproximações que ele pode fazer entre o que ele retém de sua leitura e os discursos *in praesentia* ou *in absentia*, com aspectos discursivos ou não discursivos.

Carcassonne apresenta em três grandes seções os polos a partir dos quais a atividade interpretativa do receptor elabora o ponto de vista do texto e o seu próprio ponto de vista. Para começar, ela reúne contexto, gênero discursivo, articulação das vozes e dos pontos de vista, referindo-se aos trabalhos sobre o domínio da polifonia (Ducrot) e do dialogismo (Bres e Nowakowska, Rabatel, Authier-Revuz... que se interessam pela identificação de marcadores de voz, e Siblot para o dialogismo de nomeação). Ela conclui lembrando a concepção flexível de François e Salazar-Orvig que fazem uma distinção entre marcação forte (com marcadores) e marcação fraca (mostrando a afinidade de várias unidades discursivas, estabelecendo ligação do que é dito com o que não é dito).

Em seguida, na seção “dialogismo e gênero discursivo”, ela retorna ao gênero relato ao mesmo tempo em que discute seu valor no contexto de uma análise sociológica. Finalmente, o ponto de vista desenhado, em função dos movimentos de cronotopos (do espaço-tempo segundo Bakhtin) e dos movimentos enunciativos. Carcassonne enfatiza a importância da noção de cronotopo que é “complexo” e do plano enunciativo que ela aproxima da manifestação de “valores”, mas apontando a dificuldade de se distinguir diferentes planos enunciativos. Na sequência, ela mostra num comentário linear, sucedido por uma síntese, como emerge o ponto de vista do leitor entre leitura marcada e movimentos mais pessoais de aproximação de elementos do texto ou exteriores a ele. Na síntese, domina a ideia de movimentos inextrincáveis, a ideia de que o contexto não é um dado “objetivo”, mas uma manifestação do modo como os entrevistados o interpretaram e, finalmente, em

3 N. da T. Em francês, *mouvements discursifs et bougé du sens*. Optamos por “semânticos” para manter o paralelismo.

nome de um dialogismo ativo, uma proposta para elaborar seu próprio ponto de vista na leitura.

O artigo de Dóris Cunha se interessa pela construção do ponto de vista dos leitores da imprensa brasileira *online*. Ele recusa uma abordagem puramente linguística e privilegia uma abordagem dialógica e uma abordagem enunciativa. Nessa perspectiva, ela revisita os trabalhos de Ducrot e, na mesma linha, os de Rabatel, cujas pesquisas centram-se no texto, e não em enunciados isolados, que desenvolve uma abordagem dialógica enunciativa, especialmente sobre as relações entre narração, argumentação e dialogismo.

É por meio da leitura de um livro de Bakhtin, *Para uma filosofia do ato* (publicado em 2003), que ela especifica o sentido de “dialogismo”. Bakhtin afirma nesse ensaio o vínculo indissolúvel entre o homem, o ato e o evento, expõe sua concepção da relação a outrem, isto é, a insuperável não coincidência de visões, do eu e daquelas que o outro pode ter tanto de mim quanto do objeto que cada um percebe. O corpus submetido à sua leitura é composto por dois conjuntos: um sobre as reações imediatas dos leitores da imprensa difundidas na web, outro sobre reações comentários feitos a partir de blog de dois jornalistas. Ela mostra a ligação entre o texto-fonte e o tipo de comentários dos leitores. Os comentários de blogs apresentam maior diversidade e maior predominância de argumentos do que as reações às informações dos jornais *online*.

O artigo seguinte é assinado por Tiane Donahue e Frédéric François. Ambos colocam em diálogo seu(s) ponto(s) de vista sobre dois textos de estudantes americanos, escritos no quadro de uma iniciação à “escrita acadêmica”: produzir um texto argumentativo apoiado em leituras prévias resultantes de uma pesquisa bibliográfica pessoal. Um desses textos tem como tema o uso de robôs em conflitos armados; o outro, o peso da qualificação dos operários no âmbito da política de imigração mexicana nos Estados Unidos. A comparação dos dois textos revela duas posturas diferentes dos estudantes escritores: a argumentação do primeiro é linear, ele cita para provar; o segundo, mais preocupado em discutir, produz um texto argumentativo mais heterogêneo e conflituoso. Ao contrário do esperado, os pontos de vista dos dois autores mostram poucas divergências.

O artigo subsequente é um “grande” texto de François. Grande pelo tamanho, pelos textos que compõem o corpus e pela riqueza dos comentários do autor. François compara os pontos de vista de quatro jornais – *Le Figaro*, *L'Humanité*, *Libération*, *Le Monde* – no relato do discurso de Marseille com o qual Sarkozy lançou sua campanha em 2012 para um segundo mandato de cinco anos. Em cada jornal, o autor considera o editorial e o(s) artigo(s) que constituem a reportagem propriamente dita. A partir da diferença de gênero entre editorial (mais orientado para

o comentário do que para o relato dos acontecimentos) e reportagem (que tende para a narração), dos movimentos dos textos, dos aspectos singulares da percepção dos jornalistas (o “perceber enquanto”⁴) e da argumentação, o autor determina as grandes diferenças de pontos de vista entre os jornais.

O *Le Figaro* desenvolve no editorial uma retórica do *subentendido* e nas reportagens usa recursos de *dramatização* (tudo o que vem tornar complexa a sucessão temporal) do *gênero narrativo*. O editorial do *l'Humanité* opõe palavras à realidade das ações, as reportagens se enquadrando na categoria da *narrativa polêmica*. O *Libération* apresenta, nos seus artigos, uma variedade de pontos de vista, sendo a reportagem uma *descrição polêmica*. *Le Monde* faz uma contextualização histórica e política da fala do presidente-candidato e as reportagens mostram uma diversidade de gêneros, bem como multiplicam as articulações entre apresentação dos fatos e indicação de atitudes em relação a eles.

Na conclusão, François retorna à questão do método. Defende uma leitura interpretativa que ele opõe a uma análise puramente quantitativa, sem negar as contribuições dessa última, mas relacionada com os movimentos do texto. Ele retoma também a noção de “ponto de vista” a partir dos textos comentados para rever os aspectos que devem ser levados em conta, o pano de fundo e, em especial, a relação com o passado, o presente ou o futuro, que é associada ao fato de ser a favor da candidatura (considerar o futuro no caso do *Le Figaro*) ou contra, e lembrar o passado (os adversários voltam-se para os cinco anos de Sarkozy na presidência para relembrar as decepções), o esperado e o surpreendente, o ausente e o acentuado, o gênero e as coerções do gênero, a relação entre ponto de vista e subjetividade. Finalmente, ele lembra a instabilidade do ponto de vista e a importância da relação entre pano de fundo e “ver enquanto”.

Um artigo recapitulativo de François lista catorze observações conclusivas. Com uma dose de humor, ele se questiona sobre a validade dessa (longa) série de observações, cuja sucessão tem por objetivo retomar os problemas colocados pela noção de *ponto de vista* e sua construção pelos leitores-comentaristas. Vou agrupá-los em três grandes conjuntos.

O primeiro considera o ponto de vista na vida e nos textos. Falar de *ponto de vista* não se limita aos textos, uma vez que ele pode também ser lido nas maneiras

⁴ N. da T.: *En tant que*, em francês. François usa a expressão com os verbos perceber ver, considerar para se referir ao sujeito com seus backgrounds, experiências, afetos, valores, tempo e espaço, pertencas (classe social, geração, profissão, etc.). Além disso, nem o sujeito, nem seus interlocutores, nem o terceiro tem acesso de modo explícito ao pano de fundo que dá o sentido do modo de percepção do sujeito.

de se comportar e de agir. Ponto de vista expresso nos textos ou manifestos nas formas de ser, de fazer... tem a ver com a relação a outrem. A perspectiva dialógica bakhtiniana nos habituou a pensar sobre o papel do terceiro como apreendendo em nós o que não podemos apreender. François estende essa observação à nossa relação com nós mesmos enquanto seres heterogêneos, com nossos *backgrounds* que se modificam constantemente, com nossas pertencas plurais. Nossos pontos de vista são fundamentalmente instáveis, contingentes. A atividade interpretativa de um receptor o torna sensível a um movimento do pensamento, através das variações de tema, das mudanças de gênero, das variações de *background*... A partir desse fato, o autor é levado a associar ponto de vista e estilo como forma individual de ver o comum, o que nos leva ao segundo conjunto.

O segundo conjunto evoca nossa relação com as experiências que não tivemos e com a nossa capacidade de representá-las. O autor fala então do ponto de vista em termos de “racionalidade moderada” para definir nossa capacidade de compreender o que é mais ou menos comum e “o perceber enquanto” do outro. “Racionalidade moderada” no sentido de que não se trata de ciência, nem de certeza: o ponto de vista é por natureza sempre inacabado, podendo ser modificado sempre por si mesmo ou por um outro.

Finalmente, são todas essas considerações que legitimam o “método”, desenvolvido por meio da leitura comentário dos artigos que compõem a obra. Ele se apresenta aqui como uma generalização da abordagem do leitor “comum”. Não pertence ao mundo das ciências que demonstram, ao das pesquisas quantitativas, mas não é menos racional, como a lógica natural, por não ser demonstração e não pode ser localizado fora da razão.

A noção do ponto de vista desenvolvida nesse trabalho é valiosa, estende-se para além do nível puramente linguístico para considerar o linguageiro no que ele revela da relação do homem com o que constitui sua vida em toda a sua complexidade.

O livro termina com uma entrevista intitulada “retorno a um percurso na enunciação”, entre Massmann e Rabatel, proposta pelo editor. Como o título sugere, é uma espécie de biografia intelectual que é apresentada aqui. Rabatel expõe suas escolhas e seus compromissos teóricos. Vale mencionar que a presença dessa entrevista se justifica pela referência a certos trabalhos de Rabatel feita por autores dos capítulos, mas destaco que há mais justaposição do que diálogo entre os artigos e a evocação desse percurso.